

## **CAPÍTULO 4. MULHERES GUERREIRAS DE COMUNIDADES POBRES – UMA LUTA PELA CIDADANIA**

Após a explicitação do referencial teórico que fundamenta a base analítica para buscar as respostas às questões levantadas sobre a presença das mulheres no cotidiano é chegado o momento de expor a compreensão alcançada neste sentido.

O estudo é bom lembrar teve como objetivo desvendar a importância do trabalho de mulheres comuns na criação de espaços de cidadania em comunidades pobres e da incorporação dos moradores destas a esses espaços, focando suas histórias de vida e expondo as subjetividades de seus percursos.

Reconstituí a trajetória de três mulheres mostrando a complexidade das relações estabelecidas por elas, levando em consideração os aspectos mais diversificados de suas experiências sociais.

A. É enfermeira, moradora de uma comunidade da Zona Sul há muitos anos, e sua vida sempre esteve de algum modo ligada ao trabalho social. Atualmente trabalha com seu irmão desenvolvendo atividades ligadas a área da saúde, com apoios diferenciados.

S. É merendeira de um hospital estadual, moradora de uma comunidade da Zona Norte. Seu trabalho comunitário é desenvolvido com o apoio da pastoral dentro da Igreja Católica junto à mulheres e adolescentes da comunidade na geração de renda e no encaminhamento a quartéis, onde os jovens tem treinamento em profissões diversas e posteriormente buscam a oportunidade do primeiro emprego.

Sô, moradora de uma comunidade da Zona Oeste, trabalha em um projeto conveniado a uma Ong e voltado à crianças e adolescentes, e também dá apoio ao planejamento de programas onde são trabalhadas questões relativos a direitos e cidadania.

Ao fazer de suas individualidades o fator mais relevante e menos sujeito à repetição, tentei reconstruir histórias de vidas expressas sob um foco mais atento ao campo feminino, acompanhando um fio de destino particular e, com ele, a multiplicidade dos espaços e dos tempos envolvidos na meada das

relações nas quais elas se inscrevem. Dentro de um ethos cultural predominantemente masculino, onde coragem, sacrifício e consideração pelos demais são atributos determinados das lideranças, estas mulheres conquistaram um espaço de legitimidade através de sua ação consistente e eficaz. São mulheres que se fizeram guerreiras pela posição estratégica em que se colocaram. São guerreiras porque travam seus combates diariamente, sem armas e sem preconceitos, com coragem, vigor e determinação, na conquista dos seus direitos.

Percebi que são presenças fortes que vivem em favelas no Rio de Janeiro e que se destacam no âmbito do feminismo informal e pela busca da cidadania. Elas são pontes de conexão entre os moradores da comunidade e as instituições formais e, embora não sejam as únicas, visto haver outras lideranças nas comunidades, penso que são efetivas e sinérgicas pela natureza de seu trabalho. O feminismo informal é vivido no dia-a-dia por pessoas comuns que, através de seus trabalhos e atitudes, tanto pessoal quanto publicamente, trazem à tona questões ao mesmo tempo singulares e plurais dentro de um conjunto supostamente homogêneo, e revelam um quadro social em que as questões de gênero nos remetem a tantas outras questões que atravessam os espectros político, econômico e social.

Organizei esta exposição segundo os aspectos fundamentais mostrados de modo significativo nas suas trajetórias: a vida familiar, o mundo do trabalho, as questões de gênero, ação social / cidadania, vida na comunidade e visão de futuro.

#### **4.1. Vida Familiar**

A pobreza é um fato social decorrente da desigualdade na distribuição de renda e de exclusão de uma parcela da população dos frutos do desenvolvimento, no que envolve acesso a bens e serviços. O desemprego, a desnutrição, o analfabetismo, a evasão escolar, a carência de infra-estrutura adequada exemplificam a destituição de recursos materiais, e além disso há que considerar também que a exclusão na representação política e do acesso a cidadania no que envolve elementos não materiais abrangem o conceito de

pobreza e passam a exigir mudanças estruturais na sociedade no caminho de uma melhor qualidade de vida para todos. A pobreza marca a trajetória de vida de cada uma das entrevistadas e acarreta perdas em vários aspectos de suas vidas. Quando se nasce não se escolhe o contexto de natalidade. Percebi que as mulheres deste estudo, por motivos econômicos, tiveram que trabalhar muito cedo para ajudar no orçamento doméstico e deixaram o lar cedo em busca de oportunidades de trabalho. São trajetórias de vida marcadas por uma luta precoce da subsistência e do fenômeno de uma maternidade transferida, ou seja, um contexto em que as filhas desde cedo precisam ajudar suas mães no cuidado de seus irmãos e nas tarefas domésticas, funções que posteriormente são transferidas para empregos domésticos, ajudando outras mulheres e sendo mal remuneradas por este serviço e, em último plano, quando utilizam deste saber para apoiar e nutrir crianças e mães de suas comunidades, encobrando as deficiências das estruturas de proteção social e que, sem quase nenhum apoio do setor público, consolidam e criam grandes redes de dependência e reprodução de valores provocadas nas intimidades dos lares e fora deles.

A. comenta que com a separação de seus pais sua mãe teve muita dificuldade em criar todos os seus filhos sozinha, e obteve auxílio dos próprios filhos nos cuidados desta tarefa.

Vaitsman (1997) reconhece que existe uma dificuldade de sobrevivência das famílias sem provedor, mas assinala também que a possibilidade de sobrevivência da mulher sem marido amplia uma determinada expansão das possibilidades de emprego feminino e da afirmação de sua independência.

Vivemos num período de transição, onde as quebras de valores tradicionais provocam uma reorganização nos meios micro e macro sócio-culturais. As transições no meio micro - social referem-se à família: tarefas, valores e tradições que a ela se vinculam; ao macro - social seriam as questões éticas, políticas e morais da sociedade. Assim, instaura-se uma busca na redefinição dos papéis homem / mulher na sociedade (macro) e nos papéis pai / mãe na família (micro), acompanhada de incertezas, inquietações, angústias, pois a

familiaridade com os valores antigos / passados nos colocam numa posição de “previsibilidade” que por sua vez, é oposta ao novo imprevisível. Confirmando a prática antiga, percebe-se que muitos desses discursos são pouco profundos, outros apresentam-se em novas formas, mas veiculam as mesmas práticas passadas e as tarefas que homens e mulheres sempre foram submetidos pelas contingências nas quais estão subordinados. As práticas femininas favorecem a *desnaturalização do modelo padrão que a sociedade impõe as mulheres, principalmente as de baixa renda*, e a sua dimensão pública estende-se ao cotidiano e aos códigos familiares, expondo a indissociabilidade do civil, do econômico e do próprio político; também não abstrai o *privado*, uma vez que, nessa perspectiva, *o pessoal é político*.

Percebi na fala das líderes a necessidade de trabalhar muito cedo. Precisamos levar em consideração que, no caso brasileiro, onde as relações escravistas permaneceram até fins do século XIX, as mudanças de regulação do tempo feminino não fogem aos esquemas macro estruturais, e levavam a constantes negociações e rearranjos de outras relações - de classe, etnia/raça, gênero e geração - de tantas desigualdades; a liberdade de uso do tempo das mulheres não foge ao esquema de regras societárias retrógradas. Como podemos perceber na fala desta mulher.

“Eu tenho 38 anos, eu fui nascida e criada aqui na comunidade, vim de uma família de seis irmãos, minha mãe é de Goiás e meu pai é do Ceará, e passamos por problemas difíceis devido à separação de minha mãe que teve que criar todos nós sozinhos, e conseguimos vencer, graças a Deus. Meus irmãos começaram a trabalhar cedo com 10 anos de idade, eu comecei a trabalhar com 16 anos para sustentar a família, só o mais velho que tem 55 anos veio para o Rio com minha mãe, vieram de Goiás e o restante é daqui mesmo, nascido e criado aqui, carioca da gema mesmo” (A).

Sô, da zona oeste sequer gosta de se remeter a sua infância, época para ela de tamanha tristeza e dificuldades, se ressentida de não ter sido permitido a ela ter uma infância normal com tempo para brincar como outras crianças de sua idade, pois precisava ajudar sua mãe nas tarefas domésticas e no orçamento doméstico.

Eu tenho 32 anos, minha história desde menina não gosto muito de lembrar não, nasci no Rio, foi difícil porque eu era pobre, meu pai era cego e eu tenho uma irmã que é deficiente. Comecei a trabalhar muito cedo ajudando meu pai a armar barraca na rua, sempre foi uma vida assim sem tempo para brincar, era só estudar, fazer algumas coisas e ajudar minha mãe. Eu não tenho muito que falar da minha infância e nem gosto, aí, a vida melhorou um pouco mais depois dos 15, que eu fui trabalhar (Sô).

Segundo Anderson (1994), durante décadas homens e mulheres vem migrando dos campos para as cidades em busca de melhores condições de vida. Os padrões de migração variam provavelmente de acordo com o sexo. Para ela é evidente observar que o padrão estabelecido por muito tempo dentre as jovens mulheres provenientes dos campos, é serem recrutadas para o serviço doméstico nas cidades e de modo que mais recente, as meninas também entram neste mercado.

S. da zona norte percebeu que seus pais não podiam lhe dar o que ela precisava, pois moravam no interior e eram lavradores, e decidiu ainda adolescente partir sozinha para a cidade grande para vencer na vida e buscar um futuro mais promissor.

A minha história é que eu vim para o Rio de Janeiro garota, eu tinha 13 anos e cheguei aqui no Rio no mês de completar 14 anos, eu disse para meus pais que eu vinha trabalhar, pois eles eram lavradores, de uma cidadezinha pequena e eu queria as coisas e via que eles não podiam me dar então eu disse vou me embora trabalhar e naquela época eles trabalhavam no sertão com barraquinhas na feira dia de domingo e lavoura de milho, farinha, feijão e fumo. Então, eu vim me embora, foi uma revolução a minha vida, eles não aceitavam, pois eu era garota e eles perguntavam o que você vai fazer no Rio de Janeiro, sozinha, mas eu dizia que não era sozinha, que tem a minha amiga que eu vim com ela e uma irmã casada aqui no Rio e nós chegamos aqui (S).

Na saída em direção à vida pública, essas mulheres ganham espaços diversos e tomam mais consciência de si e do outro. Enfrentam dificuldades quanto à garantia no atendimento de suas tradicionais responsabilidades domésticas, quaisquer que sejam as classes sociais a que pertençam, pela

vagarosa montagem de sistemas protecionistas em apoio aos tarefas domésticas. Tal *saída* revela-se de grande importância teórica para as lutas por direitos sociais e movimentos feministas no Brasil. As mulheres de níveis sociais mais elevados vincularam-se a mulheres pobres no trato de suas casas, através de intermináveis tarefas e de um grande número de compensações recíprocas. O *afastamento* temporário do lar para estudar, trabalhar e equiparar-se aos homens, ou para a mera permanência no ócio, através da *maternidade transferida* de umas para outras mulheres, marca contratos domésticos bem definidos, mas retrógrados quando pensados sob a luz da bandeira feminista e dos dilemas da concepção dos sistemas protecionistas, padrão este que promove direitos apenas para algumas mulheres. Neste caso, as lutas feministas por igualdade em relação aos homens revelam pouca efetividade quanto às desigualdades entre as mulheres.

Mas, mesmo com tantas desigualdades evidentes, ser mãe solteira deixou de ser um tabu para muitas mulheres. O que permaneceu foi a falta de atendimento do Estado a casos em que falta o provedor no lar.

Minha primeira filha eu fui solteira porque o pai não assumiu e agora eu tenho minha outra que foi com o pai desta outra que fica dentro de casa, mas, também, não me casei com ele. Nós partimos para viver juntos para ter um relacionamento de marido e mulher e sempre respeitei como se fosse meu marido, pai da minha família, mas depois vi que não ia dar certo, pois a gente brigava muito, mas dele só vingou esta agora minha menor que é a C. e está fazendo formação de professora e os outros eu tive natimorto, tudo dele, vinte anos na minha vida (S).

## 4.2. Mundo do Trabalho

Mesmo com todos os empecilhos, notei que, em determinado momento de suas vidas, elas perceberam o valor atribuído ao estudo e resolveram retomar suas perspectivas profissionais sem abandonar seus encargos domésticos. Estas mulheres se destacam pelos seus trabalhos sociais e, enquanto atores sociais, se inscrevem em contextos de dimensões e de níveis variados, do mais local ao mais global. O papel dessas mulheres merece ser mais considerado e compreendido como um todo social e plural que muitas vezes é ignorado ou sublimado nos estudos acadêmicos de gênero que

geralmente colocam as mulheres em lugares subalternos independentemente do recorte de classes e de raça.

Se retomarmos às conexões entre a história dessas mulheres e a política, iremos nos deparar com inúmeros significados políticos das relações de gênero e das práticas protecionistas no Brasil. O conceito de gênero, ao evocar a dimensão política das relações entre o masculino e o feminino, associa-as a outras: relações de raça / etnia, classes, gerações, explicitando nas e através das experiências pessoais de mulheres comuns que, no seu dia-dia, inventam suas histórias e enriquecem o conhecimento e as conexões entre o público e privado.

As mulheres que saem da esfera privada e rumam em direção à vida pública, retomam espaços e vivenciam ganhos e dilemas políticos. Tomam consciência de si e do outro. Conquistam diversos espaços, sem terem qualquer garantia de atendimento das suas responsabilidades domésticas, não importando a classe social a que pertençam.

Impasses provenientes do não-controle da concepção, da lenta incorporação do progresso técnico no ambiente doméstico e da lenta e tardia montagem de sistemas protecionistas em apoio à administração do mundo doméstico, retardam ou impedem essa saída da esfera privada em direção à vida pública. Tal saída revela-se de grande relevância teórica para os estudos que associam lutas por direitos sociais e movimentos feministas no Brasil.

A indisponibilidade, por muitas gerações, de contraceptivos para as mulheres, fez com que as mulheres vivessem uma longa história de encargos com suas proles numerosas, pontuadas de seguidas experiências de aborto. Sem mudanças técnicas continuadas, ficaram prisioneiras em árduos afazeres domésticos artesanais. Sem sistemas protecionistas de apoio as suas saídas do lar, algumas mulheres deslocaram obrigações e encargos domésticos para outras mulheres.

A virtude feminina por excelência coloca a casa como domínio preferido das mulheres, lugar de proteção da família e que possui um arquétipo de um imaginário de *rainhas do lar* predominantemente de classe média e com largo emprego de mulheres pobres no trabalho doméstico. Reafirmam, mesmo atualmente, velhos modelos de domesticidade. No caso europeu, o sistema

industrial propagou-se, transferindo as tarefas domésticas para o mercado e, nele, empregando mulheres, monetizando os acessos a bens e serviços, outrora obtidos nas casas, mas impulsionando também mudanças e estimulando lutas por direitos de cidadania. A reprodução da família em sentido amplo, englobando a reprodução biológica e, sobretudo, a reprodução social, e, conseqüentemente, o processo socializador realizado no âmbito da unidade doméstica, mesmo que grande parte desse processo ter passado a cargo de outras agências, públicas ou privadas, como creches e escolas.

Os feminismos, em algum momento, haviam se apropriado desse ideal identitário e propagado a luta pela unificação das mulheres com uma bandeira única, pensadas como *iguais* em sua função reprodutiva e na luta contra as desigualdades em relação aos homens, nem sempre considerando as desigualdades da vida social que permeiam as relações entre as próprias mulheres.

Em todo os lugares do mundo, o tamanho da prole sempre definiu a extensão e a intensidade das rotinas e dos encargos diários e ainda a regulação do tempo doméstico.

No Brasil, a maternidade de prole numerosa é uma continuidade histórica até os anos 60 do século XX, quando a pílula anticoncepcional mudou essa tendência. Até esse período, o quadro demográfico restringia o emprego feminino, mesmo porque a permanência das mulheres nos trabalhos domésticos é parte de um sistema social que alimenta modos de vida favoráveis às relações capitalistas peculiares a essa sociedade.

Estas histórias revelam uma luta de gênero e de classes permeadas de conflitos e contradições inerentes da sociedade em que vivemos, e descrevem narrativas de mulheres marcadas, mas não destruídas e vencidas pelo estigma da pobreza e da falta de oportunidades.

Assim, a meu ver, pude perceber que o processo da emancipação das mulheres no mundo do trabalho tem um claro sentido contraditório na medida em que é marcado pela positividade do ingresso da mulher no mundo do trabalho e pela negatividade ainda imposta da precarização, intensificação a

ampliação das formas e modalidades de exploração do trabalho e das circunstâncias de pobreza.

Enfim, é nessa dialética que a feminização do trabalho, ao mesmo tempo, emancipa, ainda que de maneira parcial, pode precarizar, de modo acentuado. Oscilando, portanto, entre a emancipação e a precarização, mas buscando ainda caminhar da precarização para a emancipação, estas mulheres buscam em seus trabalhos novas formas, mais justas de integração social.

A desinformação, a insegurança, o isolamento e a falta de acesso ao poder público podem as tornar semi-amordaçadas e vítimas de um sistema perverso e excludente. São mulheres, geralmente com filhos, sem um progenitor que as ajude com o orçamento doméstico, com os cuidados dos filhos e da casa. Mas, notei que nem sempre as mulheres pobres com nível de escolaridade mais alto conseguem oportunidades iguais quando disputam com mulheres de nível social mais elevado. Mas, com certeza um nível maior de escolaridade traz uma consciência maior de seu lugar enquanto mulher e cidadã brasileira. Isto fica evidente no discurso da Sô da zona oeste, estudante universitária, que em primeiro lugar coloca o cuidado com as filhas, mas sente-se só diante da tarefa de cuidar sozinha da esfera doméstica. Há na sua fala a consciência da ausência masculina nas tarefas domésticas, fato este que a levou a se separar do seu ex-marido. E mais, ela estende seu discurso para outras pessoas da comunidade, não apenas informando, mas fazendo um papel de grande mãe, numa espécie de maternidade transferida em relação a outras meninas. Percebe-se um deslocamento do papel maternal através um discurso político evidente no que diz respeito à prática de tornar públicas as questões da esfera privada. E mais, ela não encara a pobreza como falta, mas como oportunidade de crescimento e de luta.

Prefiro ganhar. Tem muita mulher lá, tem mulher que fala assim: Eu vou me separar do meu marido para quê? Depois eu passo fome aí, pôxa, não tem dois braços, dois olhos e duas pernas, não dá para ir em frente? Quer dizer teve uma época minha que eu tava tão dura que eu lembro, eu só tinha a R. e ela mamava peito de 4 em 4 horas, dois dias não tinha dinheiro, aí comemos angu, eu me lembro que eu saí da minha casa numa moleza, fui na casa da moça que

ela chama de mãe dela, só pedi: Ma, deixa eu lavar essa louça aí e me dá um prato de comida porque eu já não estava agüentando mais angu, era angu doce, angu salgado, angu salgado e angu doce, dois dias, não tinha gás e nem tinha nada para fazer , o que eu fiz? Eu peguei e pedi mesmo para lavar a louça, ela me deu comida e ela falou: - Olha Sô, e eu não quero mais que você venha lavar minha louça, o dia que não tiver nada lá, você pega e pede porque a mulher que amamenta faz mal ficar sem comer um ferro, sem comer uma fruta e ela foi lá e acho que com dez cruzeiros fez um sacolão para mim, aí fez umas compras e me emprestou o dinheiro do gás. E eu vou levando minha vida... (Sô).

A maternidade surge agora como uma questão política, possibilitando a circulação de novas significações e incentivando a busca de novas compreensões sobre a constituição subjetiva. Ao questionar as posições entre os sexos e as relações de gênero, o Feminismo contribuiu para desestabilizar a representação 'tradicional' da masculinidade e da paternidade. Em conseqüência, consideramos fundamental a discussão das contribuições do discurso feminista e dos estudos de gênero nas complexas mudanças que estão ocorrendo no mundo contemporâneo, com destaque para a fragmentação da subjetividade e o recurso aos mecanismos sociais diferenciados para entender sua ocorrência. As estruturas e os processos das sociedades pós-modernas estão sofrendo modificações que abalam seus quadros de referência. Por exemplo: A compreensão de uma identidade unificada que estabilizava o mundo social ruiu; as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade estão fragmentadas; o indivíduo perdeu suas localizações sociais e o sentido de si. A insegurança, o medo e a fragilidade dos laços contraídos pelos indivíduos entre si atestam as dificuldades de construção da identidade em um mundo marcado pela pluralidade e por alterações significativas na institucionalidade, que mantém e assegura os modelos a serem perseguidos. O que vigora é o sujeito pós-moderno em constante processo e que não tem mais uma identidade efetiva, mas muitas identidades sendo continuamente modificadas em relação ao modo como é representado pelos sistemas culturais ao redor. Na mesma medida em que os sistemas de representação cultural e simbólica se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade de

identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente.

No trabalho institucional também existe uma desvalorização internalizada dos iguais - da classe trabalhadora enquanto tal, uma certa falta de solidariedade e união por parte dos trabalhadores, sejam eles homens ou mulheres. A desvalorização por função é dada no nível de dominação simbólica de menos valia social. S. da zona norte aponta esta questão quando analisa o preconceito disfarçado na brincadeira de um companheiro seu de trabalho.

... tem sim o preconceito porque eu sinto na minha carne, a gente trabalha e se esforça, ainda ontem mesmo, eu estava comentando com meus colegas de trabalho a nossa posição, pois às vezes o próprio culpado é o colega de função que não sabe valorizar a função que faz, aí deixa que um outro colega venha fazer uma brincadeira que dentro daquela brincadeira, assim, o fulano está cursando uma faculdade, mas o colega faz uma brincadeira ofendendo a nós, a nossa função, o que eu estava me referindo ontem do colega, o colega está tentando um concurso, está fazendo a faculdade aí a menina disse assim: olha você vai melhorar? Aí ele disse, se eu passar, eu neste que eu vou fazer, eu só venho aqui prender vocês, na hora a minha outra colega brincou, aí ela disse assim, mas se for para ir para uma boa cela, estava levando na brincadeira, mas ontem a gente estava comentando sobre isto, você viu como é que veio brincar conosco que trabalhamos em cozinha, nós funcionários que trabalhamos na cozinha somos discriminados, as pessoas olham: fulano trabalhou na cozinha; somos discriminados, as pessoas olham, que fulano trabalhou na cozinha, o sentido dele é só roubar e não é isto, é um absurdo, mas eles brincam muito ou então ameaçam dentro da brincadeira, qualquer coisa dizem vou te levar para os 40, a delegacia próxima, então dentro disto há discriminação, lá mesmo tem muita discriminação... . (S).

Soihet (1997) aponta que a incorporação da dominação não exclui a presença de variações de manipulações por parte dos dominados. O que significa não apenas se vergarem a uma submissão alienante, mas a possibilidade de construir um recurso que lhes permitam deslocar ou subverter a relação de dominação.

S. da zona norte também aponta que apesar de ter começado seu trabalho no emprego doméstico, lugar essencialmente feminino na nossa cultura, ela consegue superar as discriminações de gênero através do estudo. Ela fez concurso público e trabalha como merendeira de hospital no departamento de nutrição. Não ganha muito, mas consegue manter sua casa sustentando suas filhas, seu marido doente e sua mãe.

Eu não sofri discriminação porque dentro da função no município não tem disto, a discriminação que eles fazem é como função, não é no sentido mulher e homem. Nós ganhamos a mesma coisa, meu concurso foi de merendeira, nós somos nível elementar, o nível elementar é igual tanto para homem quanto para mulher, eles fazem a diferença por nível, nível elementar, médio, aí é onde tem as injustiças, mas não tem nada a ver mulher e homem, é uma injustiça social não tem a ver com trabalho, com a mão de obra. (S).

Percebi no discurso de S., sua visão sobre a superação das diferenças de gênero, fazendo-se respeitar tanto no trabalho quanto na questão de ser mãe solteira, mas ela aponta a discriminação social pautada nas questões de valores hierárquicos difíceis de serem rompidos dentro do mundo do trabalho quando se refere à discriminação por função. Este tipo de discriminação tem relação direta com a falta de oportunidades iguais para todos e que impede ou impossibilita a mobilidade social de muitas mulheres.

Fui trabalhar por minha conta, fazendo faxina e passando roupa e passei a pegar revista com outra pessoa para vender, Avon e aí, em 81 eu fiz um curso de auxiliar de cabeleireira e fiquei trabalhando num fundo de quintal e prestando concurso, ao mesmo tempo. Estava fazendo supletivo, pois quando peguei minha filha eu não pude fazer a prova final do ginásio que era um bairro distante e eu fiquei aonde eu morava, e ficava difícil de eu ir de um lado para o outro e aí parei e fiz o supletivo e sempre ali lutando e perseverando, pois isto é a vida. E nisto quando eu fiz o curso do cabelo pela LBA e consegui escola para minha filha pela LBA mesmo e ela ficava o dia todo no colégio e eu me virava sozinha. Ela ficava no colégio de 8 às 5 da tarde e aí eu me virava trabalhando dando duro, fazendo faxina e passando roupa aí, eu fiz o curso de cabelo e botei uma plaquinha na porta e fiquei trabalhando no meu fundo de quintal, fazia alisamento quente e frio. Este negócio de escova e penteado eu não fazia não, aí fui em frente fazendo vários concursos, sempre que abria concurso e dava chance

de eu fazer eu fazia vários: do INSS em 78, do TRE, fiz vários e quando eu fui chamada foi este da Prefeitura que eu estou trabalhando até hoje Fiz em 84, mas só fui chamada em 87. Eu entrei com a função de merendeira e trabalho no serviço de nutrição, mas assim eu comecei auxiliando, cortando legumes, a gente vai ficando mais velhinho e já tem aquela confiança da chefia e então eu faço serviço de despensa e se precisar faço da cozinha, meu setor é nutrição e quando entra a menina que auxilia ela, eu também vou ajudar, ajudando e atendendo os pacientes para pesar e isto já estou há quase vinte anos. (S).

S. comenta que em determinado momento de sua vida, ela ficou saturada com o emprego doméstico, mas que aprendeu muita coisa com “boas famílias”, que inclusive a incentivaram a estudar. Apesar da primeira tentativa ter sido frustrada, ela persistiu e conseguiu fazer prova de concurso para o Estado.

Fica evidente que os processos centrais das sociedades modernas estão sofrendo alterações que abalam seus quadros de referência. A percepção de uma identidade unificada que estabilizava o mundo social ruiu; as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade estão fragmentadas; o indivíduo perdeu suas localizações sociais e o sentido de si. A insegurança e a fragilidade dos laços contraídos pelos indivíduos entre revelam as dificuldades de construção da identidade em um mundo marcado pela pluralidade e por alterações significativas na institucionalidade e também pelo descrédito dos mesmos.

- Ah não, o que eu sei já chega. E quando eu fiz meus dezoito anos, depois eu saí da casa deles e fui levando a vida, eu já estava saturada de casa de família eu queria sair, queria outras coisas, progredir, foi aí que eu vi que eu tinha deixado tudo para trás de estudos, eu tinha estudado até a quarta série, mas não tinha pegado o certificado do primário nem nada e aí eu já trabalha na casa de um doutor, ele era dentista aí eu fui estudar a noite e fiz o primário, fiz concurso para o ginásio porque naquela época era de concurso e fui em frente, fui trabalhando. Neste período já estava

namorando e tive minha filha, mas o pai não assumiu e fui chamada de mãe solteira, isso foi em 73 e sempre lutei e trabalhei, mas aí meus sonhos foram por água abaixo, pois eu já estava terminando meu último ano de ginásio para poder sair da casa de família e, aí esperando nem eu tive que enfrentar novamente ficar em casa de família de novo e fui e não me arrependo, pois aprendi muito trabalhando, sempre trabalhei em casa de boas famílias e aprendi muito até as maneiras de eu seguir a minha vida sozinha era justamente de eu trabalhar em boas casas, boas pessoas que iam me ensinando, eu trabalhava e aprendia ao mesmo tempo. Aí, nisto eu fui criar minha filha. (S).

Pensar a pluralidade de mundos de mulheres urbanas de baixa renda é pensar também em algumas questões referentes a mudanças de valores e práticas de gênero, pois existem na verdade duas dimensões distintas e interligadas -a situação de pluralidade de mundos práticos e simbólicos e as dificuldades de se pensar o domínio do simbólico no universo hierárquico das camadas populares de forma a construir e a se repensar as complexidades das relações sociais.

#### **4.3. Questões de Gênero**

Arendt (1958) lembra que os penates, os deuses do lar, eram, segundo Plutarco, os deuses que faziam viver e alimentar o corpo e a vida para a manutenção individual e de sobrevivência da vida da espécie. O fato de que a manutenção individual era tarefa do homem e a sobrevivência da espécie fosse tarefa da mulher era tido como óbvio, pois ambas eram funções naturais, o labor do homem no suprimento dos alimentos e o labor da mulher no parto eram sujeitas à mesma premência da vida. Portanto a comunidade do lar decorria da necessidade e era desta necessidade que decorriam todas as atividades exercidas no lar.

A vida da espécie não era assunto político, mas doméstico por definição.

Como Arendt mesmo comenta, é muito provável que o surgimento da cidade-estado tenha ocorrido às custas da esfera privada da família e do lar.

As concepções das funções femininas e masculinas foram se transformando ao longo da História e hoje a mulher não encara mais como sua única e exclusiva função o labor do parto e nada mais. Ela quer dividir tanto as tarefas domésticas quanto as não domésticas.

Isto fica evidente no discurso de Sô quando fala da sua relação com seu ex-marido. Em relação ao seu lugar no casamento e o papel de seu ex-marido, a líder da zona oeste percebe as questões de gênero em formas desiguais na esfera doméstica e diz não ter suportado o descaso de seu ex-marido em relação à sua família...

Ele vivia de segunda a segunda com os amigos dele, eu não gostava e neste ponto eu não gostava, eu tinha minha filha, eu me dedicava a casa e, minha filha, por que um homem não pode se dedicar à família? Eu acho isto, se é para viver sozinha então é melhor assim como eu estou hoje, eu levo a vida assim, saio com minhas filhas, me divirto, é trabalho, mas eu sempre dou atenção para elas, como um pai bota um filho no mundo e nunca tem tempo de dar atenção, eu acho isto errado, eu não gosto, se é para dar atenção sozinha, eu prefiro ficar sozinha e dou atenção e aí eu sei me virar, aí casei com este primeiro não deu certo e aí cinco anos depois arrumei outro que é o pai da minha filha mais nova, dele eu também me separei por causa da bebida, bebia muito, não tinha fim de semana certo, fim de semana era a bebida e as amizades e até hoje ele é assim, sendo hoje, que a gente está separado ele dá mais atenção, mas aí eu falo quando tinha que dar mais atenção passou dez anos e não deu agora para mim tanto faz tanto faz, não me troco pelas minha filhas, não troco um bom passeio com minhas filhas por causa de amizade, a não ser que a amizade esteja precisando muito da minha atenção e de conversar, aí eu coloco minhas filhas de lado mas fora isto, tudo é minhas filhas, em primeiro lugar é minhas filhas, o amor que eu tenho por elas, entre ser mãe e ser mulher acho que os dois é idêntico, porque para você ser mãe você tem que ser primeiro mulher, e para você ser mulher você tem que ter primeiro responsabilidade das coisas, ter o essencial de vida do futuro, você tem que ter um ideal, tem que ter responsabilidade e ser mulher é tudo isto, é ser mãe. Tenho duas filhas uma de 12 e uma de 6 (Sô).

A. da zona sul, é técnica em enfermagem e, também como Sô, conseguiu superar os obstáculos de ser uma moça pobre e sem oportunidades maiores. Ela tem consciência da tentativa de dominação simbólica por parte de seu ex-marido, revelada segundo ela por um ciúme doentio diante de sua popularidade na comunidade.

Eu trabalho desde os 16 anos para ajudar em casa, comecei como aprendiz de vendedora, foi na antiga casa de departamentos, que não existe mais e fiquei lá até os 19 anos quando me casei, morava lá no subúrbio, meu casamento durou 5 anos, porém não deu certo, foi aí neste meio que eu comecei a trabalhar com a comunidade porque eu fiquei desempregada já que ele não me deixava trabalhar, né, fui chamada para trabalhar num posto de saúde, meu ex-marido não me deixava trabalhar fora porque tinha ciúme e implicância comigo, achava que por eu ser uma pessoa muito conhecida na comunidade, todo mundo gostava, falava com todo mundo então a gente brigava muito por isso, ciúmes demais, ciúme mesmo a ponto de meus colegas quererem brigar com ele, bater nele por isso. Então chegamos a um ponto dele para lá e eu para cá e acabou. Não tive filhos e não posso ter. (A).

Sô também não admite ser dominada e humilhada por homens por causa de problemas financeiros. Não usa a maternidade como emprego e como uma desculpa para não trabalhar como muitas mulheres. Não tem medo de encarar qualquer tipo de trabalho, pois segundo ela, não pede nada para homem.

Se não tiver emprego eu vendo meu refrigerante e vou embora, faço faxina, sabe porque, porque muitas mulheres pensam assim, ah eu tenho filho é muito fácil ter muitos filhos um de cada homem e depois eu coloco na justiça, mas você vai viver de pensão dos filhos ou você vai viver sendo humilhada por causa de dinheiro de homem, não, a mulher que é mulher, por isso que eu falo, neste ponto, eu falo para muitas lá, eu sou mulher porque eu não fico parada não, eu corro atrás e não fico pedindo nada em porta de homem não, não fico não, neste ponto eu sou muito orgulhosa... (Sô).

Sobre a questão de ter sido mãe solteira, S. acha que a sociedade já superou esta discriminação e é a mulher que se faz ser respeitada pela sua atitude. Ela tem consciência do quanto às mulheres já sofreram discriminações, mas acha uma questão superada no mundo do trabalho.

No ano que eu tive minha filha a mentalidade das pessoas já estava mais aberta, agora pessoas que foram mais para trás, na faixa de 40 e 30, essas sofreram muito, muito mesmo, de vez em quando a gente vê: “Ah! Mulher sozinha”, mas já está melhorando, melhorando muito, pois a própria mulher sabe fazer se respeitar, não é porque ela é sozinha que neguinho tem que chegar e bagunçar. Ela mesma se faz respeitar na maneira de trabalhar, na maneira de agir, na sua conduta, ela não é desrespeitada, principalmente eu que comecei, fui trabalhar logo em hospital todo mundo fala mulher de hospital é isto ou aquilo, eu não tive isto, acha que é bagunça, tudo com facilidade, eu não, eu não tive isto. Dentro do trabalho a gente vai se respeitando e vai fazendo com que os colegas me respeitem lá a gente trabalha por setores não tem serviço de internação, só ambulatório, se a gente tiver que ir à sala dos médicos a gente vai e o contato na hora da refeição que todos estão ali juntos, não tem diferença médico e administração todos juntos na hora de comer. Dizem que tem hospital que é separado dos... Na maioria são gerais e comandantes que são separados, mas nós, neste hospital, é um posto mais elevado (S).

S., apesar de prover os recursos materiais do lar, não abandonou seu papel de educadora e responsável pela saúde de seus parentes, ainda continua se sentindo responsável pelos cuidados dos mesmos.

Ainda assim a ação da família continua a ser importante na transmissão de princípios orientadores da conduta que, em grande parte, estão incrustados em aspectos subjetivos, inclusive no que diz respeito à constituição da identidade de gênero.

Uma das contribuições dos estudos antropológicos sobre família foi demonstrar o caráter não-natural da instituição doméstica que repousa em fundamentos biológicos vinculados à reprodução e ao aleitamento. Contudo, a dimensão biológica é elaborada culturalmente em todas as sociedades humanas e adquire significado mediante a construção de normas e modelos que passam a orientar o conjunto das relações familiares, embora os cuidados e a socialização dos filhos resultem de elaborações culturais, fundadas em parte nos aspectos biológicos da maternidade, o exame de dados etnográficos apresentados adiante mostra que, predominantemente, esses encargos constituem atribuição materna. Nessas circunstâncias, as mães sentem-se mais

próximas das filhas e essas tendem a se perceber femininas como suas genitoras, integrando essa proximidade e identificação à formação da identidade de gênero. Para as meninas, o vínculo com a mãe gera apego e relacionamento íntimo com ela, trazendo como resultado uma dificuldade no processo de individuação, mas facilitando a empatia e a sensibilidade para a convivência social e, sobretudo, para assumir os cuidados com o outro. Assim, o lugar das mulheres na vida dos homens tem a tecelã daquelas redes de relacionamento nas quais ela por sua vez confia.

A dupla jornada neste caso torna-se evidente, além de ser visível a interiorização dos papéis de gênero clássicos presentes na família e na sociedade de um modo geral.

Romper com estes padrões não é uma tarefa fácil mesmo nos casos de chefia feminina, onde a mulher torna-se a provedora e mantenedora do lar enquanto instituição secular e principal perpetuadora da moral e dos bons costumes.

Segundo Carvalho (1998) a questão da chefia feminina é complexa, pois determinados lares chefiados por mulheres sozinhas podem resultar em menor opressão e maior autonomia feminina, mas domicílios mantidos por mulheres, mas chefiados por homens podem dobrar a opressão. Isto ocorre geralmente em sociedades onde os homens detêm maior prestígio e onde pouco prestígio e aprovações são conferidos as mulheres.

Meu marido é uma pessoa muito parada e não gosto muito de falar dele, o único problema de doença dele é a diabete e que agora amputou os três dedos do pé, mas agora que isto aconteceu se ele já era devagar quase parando, parou de vez. Só desce nunca fica em casa, desce para onde a gente morou e sai todo dia, mas em questão de trabalho não tem, como era motorista e agora não dirige mais e a idade vai chegando né, ele tem 57 anos é novo na idade, mas a mentalidade é velha, como diz a história, está difícil para ele (S).

(...) pois tenho que dar assistência a minha mãe, mas se eu ficar só dentro de casa, nossa vida não vai ser como está sendo. Minha mãe mora comigo, desde que eu fui buscar ela há 26 anos em 1979, ela veio para cá, ficou um tempo com minha irmã, mas pouco tempo com minha irmã, a maior parte do tempo ficava comigo, às vezes ela vai (S).

A evolução de seu papel enquanto mulher que vai á luta em busca de seu espaço profissional de certa forma superou as dificuldades da cristalização de certos estereótipos de gênero, pois a líder ingressou em um mundo supostamente masculino, indicando uma certa autoridade feminina que é passada para uma nova geração de mulheres, no caso de suas filhas, que podem e devem se espelhar em uma mãe batalhadora, como um novo modelo a ser seguido e que se estende para seu papel social com jovens da comunidade.

A decisão das mulheres de construírem seus sonhos e projetos fora dos limites domésticos aponta feminismos informais, mas ainda percebe-se que esta espécie de movimento de mulheres não necessariamente é organizada (formal) e as mulheres ainda avaliam os encargos a mais que possuem quando necessitam de tempo também para a administração doméstica.

A luta destas mulheres e a posição que representam, mesmo que na informalidade, em relação à temas feministas, questiona as posições femininas e masculinas e as relações de gênero, e contribuiu para revitalizar a representação ‘tradicional’ da masculinidade, possibilitando na prática novas significações, incentivando a busca de novas compreensões sobre a constituição subjetiva.

Este discurso faz refletir sobre os estudos das práticas e valores de gênero que ainda continuam a tradição teórica na qual a identidade e a hierarquia têm papel central. Embora com fragmentação interna, as mulheres mais ricas buscaram seu espaço no mundo público da carreira com trabalho remunerado por verem a vida doméstica como uma prisão e chances maiores de independência. Já as mulheres de baixa renda, por possuírem menos chances de mobilidade social, mantiveram alguns padrões de identidade tradicional de gênero mais cristalizados, apesar de terem rompido com o confinamento doméstico.

#### **4.4. Ação Social / Cidadania**

Demo (2001) se interessa em revisitar a questão da assistência como direito radical e primeira prova da democracia com o objetivo de desvendar sua

propensão no assistencialismo, pois para ele não é possível pensar o problema da exclusão sem argumentar a favor de inovações cruciais na política social e na estruturação concreta da realidade que banalizem propostas mais avançadas que a traição da utopia democrática que faz com que o excluído não perceba sua própria exclusão.

Sô, da zona oeste, questiona a democracia dentro do social. Percebe que as diferenças dos indivíduos não são apenas de cunho material, mas também a nível simbólico. O fato de alguém andar mais bem vestido não implica para ela que esta pessoa seja melhor ou pior que outra. A essência da pessoa, o valor humano é que conta e não a futilidade das aparências externas...

A cidadania é um exercício diário, é ter a certeza de que todos são iguais e que possuem direitos iguais independente de classe, raça ou sexo.

E aí aonde vem à democracia dentro do social? Olhar a pessoa pelo que ela é representa dentro do contexto, no interior e buscar e não pela aparência, porque o fulano não está bem vestido então ele não é um bom sujeito, não, às vezes aquele que está mal vestido, ele está mal vestido não porque ele não gosta de andar bem vestido é porque a condição dele financeira não chega a altura dele chegar lá e outro é por descuido mesmo, às vezes, hoje, tem tanta roupa que não está tão cara e até baratinha e dá para a pessoa melhorar. Mas tem gente que não liga, acha que saiu na rua, tá bom, aí onde está, a gente tem que ver as pessoas pelo sentido, assim buscar o interior da pessoa, né, não a aparência que ele está mostrando. Isto eu acho que cabe assim na área social. (S).

A liderança torna desta forma as questões privadas em públicas quando repassa seu conhecimento para outras pessoas e se preocupa com outras meninas da comunidade. Em suas palavras...

Passando aquilo o que eu aprendi e informando as pessoas, passando a frente não faz isto com o teu filho, olha o que você fala, sabe. Eu presto muita atenção, pois onde eu moro é uma comunidade muito pobre e carente então tudo que eu sei eu vou passando a frente, a minha comunidade é assim, é uma menina que com dez anos de idade começa a sua vida sexual, coisa eu não sei qual o motivo que as levam para isto, aí querem sair sozinhas, aí é baile para lá e sai com um e sai com outro e aí não se protegem e eu estou sempre falando com elas olha a camisinha, olha não sei o que é, eu ensino, eu amostró a elas, se possível eu dou até para aquelas

que eu já sei que tem habito sexual se relacionando eu dou a camisinha eu falo das doenças, falo da sífilis porque a sífilis não aparece assim, a AIDS está estampado na sua testa , eu tenho AIDS, elas vem assim um garotinho bonitinho, aí eu falo abre o olho, tem que tomar cuidado, tem que ter certos cuidados, porque agora, tá bonitinha, tá durinha .Aí que gostosa e daqui a dez anos?Porque agora tudo é mais rápido, o efeito da doença, tudo agora é mais rápido, sabe. Eu gosto muito assim, eu sempre pedi a Deus para ter duas meninas e agradeço muito porque eu tenho minhas duas meninas, sempre que eu pedi a ele, e tomo muita conta das meninas da minha comunidade, meu negócio é as meninas, gosto, se eu pudesse ter um trabalho com as meninas, só com as meninas que eu iria trabalhar e sem idade, não teria idade para mim, eu gosto de meninas. Sabe, muitas ali, as mães não esquentam, não liga, eu estou sempre em cima delas... (Sô).

O exame dos deslocamentos e das performances masculinas e femininas não só revelam os limites da noção de patriarcalismo, como engendra a superação do determinismo biológico como paradigma, levando a reconhecer por parte das lideranças o exercício do poder de diferentes sujeitos históricos e a utilização do saber como ferramenta de mudanças diante da submissão.

A História de lideranças femininas sem dúvida é um acréscimo e uma contribuição aos estudos sobre papéis sexuais dando-lhes uma outra fisionomia na medida em que descreve práticas específicas de interferências ou de significações simbólicas que terminam por delinear uma cultura feminina que mistura o público e o privado no seio de suas comunidades, dando-me condições de romper com as dicotomias que são amplamente privilegiadas nos estudos de gênero e abrindo novas possibilidades de reconhecimento de suas identidades. Pude perceber que elas mesmas conseguem problematizar as questões de gênero diante das suas intervenções femininas na vida urbana dentro das comunidades e a forma como encaram a submissão, superando na prática suas limitações e estendendo seus conhecimentos para toda uma comunidade.

Ainda, segundo Costa (2000):

Nomear, identificar, quantificar a presença das mulheres nos lugares, nas instâncias, nos papéis que lhes são próprios, aparece como uma etapa necessária, um justo retorno das coisas. São assim iluminadas as categorias do

masculino e do feminino, então escondidas sob um neutralismo sexual, que só beneficia o mundo masculino (COSTA, 2000, p. 10).

A líder S. se engajou em um trabalho social voluntário em parceria com a Igreja Católica e passou a encaminhar jovens para estágios profissionalizantes, exercendo desta forma uma certa maternidade transferida na medida em que sua preocupação saiu do âmbito doméstico e passou a ser uma luta amplificada.

O meu concurso foi de educação, mas quem me lotou foi a saúde, fui lotada pela Secretaria Municipal de Saúde. Trabalho no hospital, aí vou vivendo e isto nunca parei fui em frente, eu acho que a gente tem que ir apreendendo, foi quando surgiu a J. que se inscreveu na pastoral do menor, aquele negócio da pastoral do menor, esqueci, mas tem um nome, coordenadora, indicadora, não, esse negócio da Pastoral, mas tem um nome e aí ele foi crescendo muito no meu bairro. Muita criança foi aproveitada pela Pastoral do Menor e eu entrei há quatro anos para ajudar e agora estou dando uma descansada pois entrei no Projeto Mulher em Ação e o tempo é curto para tanta coisa. A Pastoral é um órgão da Arquidiocese para incentivar, trabalhar com crianças carentes, não são crianças de rua não, as crianças têm os pais, acompanhamento familiar, trabalhar com a família, e aquelas crianças que se interessarem em se inscrever é de 14 aos 18 anos, e só que de 14 a 16 anos eles aproveitam nos quartéis que tem ligação com a Pastoral do Menor, para aprender uma profissão e o trabalho deles (S).

Elas se inserem em um outro sistema de explicação social fundado sobre os papéis femininos, o que representa uma conquista evidente que confronta e justapõe culturas ao mesmo tempo plurais e complementares num esforço teórico que apresenta um modo mais equilibrado de demonstrar como se organizam as zonas de intercessão e de complementaridade da divisão e da organização do espaço social onde há autoridade feminina de um lado e poderes femininos de outro.

(...) existe muita hierarquia e muita demagogia e talvez, eu acho assim, é muito assim digamos o mundo de hoje como

eu trabalho na saúde, a saúde está no CTI há muito tempo e se não tiver alguém que olhe para trás e veja o quanto estão deixando passar, que a saúde, você chega nos hospitais e diz isto é ilusão, propaganda, jornalismo barato, não é não, na realidade mesmo está faltando muita coisa, remédio e falta tudo.

Como que uma parte que se diz saúde que é para tratar do ser humano fica doente. Como se vai para frente?

Aí eu digo de onde vem a história do país, como o país vai crescer se a educação é precária e a saúde está no CTI?

Aí eu acho que o resto desmorona porque a mentalidade das pessoas vai ficando cansada e doente e não adianta lutar, ainda tem aqueles colegas que vem dizer lá vem você falar disto!

Não vai adiantar nada já trabalhei e vou me aposentar e não vai adiantar nada e eu sempre digo não se a gente ficar sempre ali, tipo ferrugem vai corroendo, mas no sentido bom, um dia vai acontecer, pode não acontecer comigo, acontecer com outro, mas eles vão cair na realidade. O nosso social tem que acordar para uma melhora. (S).

O desemprego está em massa, as mães botando filhos cada vez mais para fora, fazendo filho para tudo quanto é lado, porque o governo dá cheque, dá leite, da cesta básica e as mães vão colocando filho para fora, as crianças principalmente os rapazes são orgulhosos e só gostam de colocar roupa de marca, tênis de marca e de altos valores, o tráfico dá condição para isto, e o governo não dá condição para um jovem trabalhar, porque está na época do quartel, ninguém aceita, ninguém quer, já começa por aí. (Sô).

Segundo Vaitsman (1997), precisamos pensar o domínio do simbólico, em particular, os valores de gênero entre as mulheres urbanas de baixa renda a partir da dualidade igualdade x hierarquia ou tradicional x moderno. Recorrer a uma classificação abrangente do universo tradicional não explica a diversidade existente entre os segmentos nem o conteúdo das mudanças sócio-culturais que o desenvolvimento da sociedade brasileira produziu: uma participação simultânea em diferentes mundos simbólicos e institucionais e a mais, as implicações e efeitos da participação dos diferentes segmentos sociais nessa pluralidade de mundos têm feito pensar e analisar a exclusão social, a cidadania e a violência urbana. A subjetivação, a ambigüidade e pluralidade em relação a valores e comportamentos tem sido muito estudados com base em valores igualitários e hierárquicos como

definidores culturais das sociedades modernas, uma tradição interdisciplinar que envolve antropologia, sociologia e psicologia .

. O papel de esposas e donas de casa foram valorizados porque, além de dupla-jornada, elas só tem acesso a atividades mal pagas, repetitivas e sem nenhuma realização pessoal, o que no caso das chefes de família, seria acentuado pela ausência masculina. É a chefia que comanda os movimentos nas comunidades pobres, visando uma mobilidade social. Discute-se em que medida as transformações na família e nas práticas de gênero - chefia feminina, instabilidade conjugal, pluralidade de formas familiares, participação da mulher na força de trabalho implicam em transformações dos valores em alguma forma de incorporação do individualismo por parte dos segmentos mais populares. Trata-se de refletir e discutir como processos de modernização e valores considerados próprios da modernidade são apropriados e vivenciados por diferentes cidadãos em contextos mais pobres em que de certa forma, os homens ainda são os principais símbolos de status pela posição mantida de provedores do lar, mesmo sendo como uma espécie de dominação simbólica nos casos dos lares onde existe chefia feminina.

Mudanças culturais fazem parte de processos sócio-econômicos, políticos e institucionais que afetam os segmentos. A mudança, além da diferenciação, pode contornar similaridades à medida que produz novos universos comuns. Da perspectiva do sujeito, a participação em distintos contextos e jogos discursivos implica tanto em produção de similaridade como de diferença. Ainda segundo Vaitsman (1997) ,sobretudo na cena urbana, o sujeito participa de dois mundos que se interpenetram .

De um lado podem-se perceber as mulheres saindo de seus anonimatos, tornando-se âncoras e pontes de suas comunidades, mas, por outro lado permanecem presas a determinados padrões femininos difíceis de serem rompidos e a maternidade transferida se não bem elaborada pode corroborar para a manutenção do papel da mulher em postos supostamente femininos.

#### 4.5. Vida na Comunidade

As líderes comunitárias vão contra a maré individualista que permeia as relações pós-modernas, que ainda não acharam soluções para os problemas mais elementares como o da fome e da má distribuição de renda. Em tempos de globalização e acesso rápido e fácil a outros contextos sociais, as desigualdades sociais tornaram-se mais evidentes, visíveis e até mesmo cruéis para com um determinado estrato da população, que está sempre a margem das benesses que a tecnologia avançada trouxe. Romper o ciclo da pobreza não é uma tarefa fácil, mas não é impossível. Desafio é encontrar formas de organização social para suplementá-lo. A comunidade é vista como uma possibilidade.

A comunidade se fundamenta no homem concebido em sua totalidade, mais que sobre uma ou outra das normas que pode ter uma ordem social, tomadas separadamente. Sua força psicológica procede de níveis de motivação mais profundos que os de uma vontade ou interesse e se realiza por um sentimento de vontade individual que é impossível em associações guiadas pela simples conveniência ou consentimento racional. A comunidade é uma fusão de sentimento e pensamento, de tradição e compromisso, de pertinência e vontade. Pode ser encontrada na localidade, na religião, na nação, na raça, na ocupação ou em qualquer causa coletiva importante, ou ainda ter expressão simbólica nelas. Seu arquétipo, tanto do ponto de vista histórico como simbólico é a família; e em quase todos os tipos de comunidade genuína a nomenclatura da família ocupa um lugar proeminente. As antíteses, reais ou imaginárias, formadas no mesmo meio social por relações não comunais de competição ou conflito, utilidade ou consentimento contratual, são fundamentais para fortalecer os laços comunitários: sua relativa impessoalidade ou anonimato levam a primeiro plano estes últimos, pessoais e íntimos (NISBET, 1966, p. 71-2).

Para Arango (2004), a pobreza não é mais exclusividade dos países chamados subdesenvolvidos.

As mulheres deste estudo trabalham em tempo integral, suas casas são âncoras de todos os tipos de problemas, problemas estes que seriam eliminados se houvesse políticas públicas eficazes e de qualidade que impedissem o desmantelamento do social. É neste contexto que precisamente surge a oportunidade e a força de repensar as estratégias de realização integral de

direitos que não devem ser subestimados e nem superestimados, mas que garantam um desenvolvimento integral das potencialidades humanas e um gozo efetivo dos direitos humanos.

É visível, no caso desta liderança, o quanto ela se sente só na tarefa árdua de seu dia-a-dia, pois não existe apoio eficiente do Estado e nem das ONGs. Sua visão sobre como os moradores encaram o trabalho comunitário não é das melhores. Os valores sociais de menos valia acabam sendo inculcados nas pessoas de forma que parece que não há interesse de solução para problemas mais elementares como a manutenção de creches e postos de saúde nas comunidades. A Associação de Moradores, segundo A., está prestes a ser fechada e só não foi porque um bom samaritano ajudou.

A associação hoje está um pouco, está decadente, está com dívidas de outras diretorias, nós pegamos e tínhamos uma dívida muito grande com a creche e ela ia fechar, mas aí graças a Deus nós conseguimos um empresário que teve bom coração e pagou esta dívida do INSS para nós e foi aí que nós conseguimos manter a creche aberta e a prefeitura não repassa mais os alimentos para a creche. É trabalho de doação e a gente ainda tem uma dívida com este empresário, pois ele pagaria apenas metade da dívida e, o restante, nós teríamos que pagar. Estamos pagando aos poucos. Ele pagou tudo com acordo de que nós pagaríamos a outra parte a ele, e aos poucos a gente está tentando pagar e com as mensalidades das mães da creche, a gente paga os funcionários da creche não estão recebendo salário completo, uma parte apenas e estão trabalhando, não são todas pois muitas estão saindo porque não querem ficar ali esperando a boa vontade da prefeitura. Tem muita creche aí fechando por causa disto, há pouco tempo saiu no jornal, isto as creches fechando porque a prefeitura está deixando de repassar a verba, então, está difícil para nós da associação, não são todos que pagam a mensalidade, alguns acham que não devem, que não precisam, e quando precisam de alguma coisa vão correr lá, tem isto, o posto médico para ajudar ele nós cobramos 2 reais por consulta para ajudar a comprar material, seringa, agulha. Recebemos agora doação do Rotary de materiais para enfermagem, ajudou bastante, e a reforma do consultório dentário, no momento estamos só com 1 dentista, porque estamos sem materiais para trabalhar mas estamos aí. Devagar a gente vai atendendo, estamos conseguindo levar a demanda, porque a comunidade está precisando muito de uma clínica odontológica que nós tínhamos. Antes funcionava muito bem e por causa disto nós estamos sem profissionais que queiram trabalhar

voluntariamente, então o morador está cobrando quando é que vai ter dentista? Mas como vai abrir se não tem material para trabalhar? Não adianta, este um que está dando o que pode, é voluntário também, graças a Deus. Hoje nós temos 3 médicos voluntários, é o dentista, o pediatra e o clínico geral, e temos também os psicólogos de uma universidade pública e temos uma de uma universidade particular também, não sei se é da prefeitura também, está sendo no colégio para crianças, que atende a adultos e a crianças, e temos agora um projeto de reforço escolar, da 6 anos (A).

Esta desvalorização do trabalho social nas comunidades também é sentida por Sô, liderança da zona oeste, que sente dificuldade em engajar outras mães no trabalho comunitário e que se sente esgotada diante da demanda de outras mulheres.

Agora que eu parei um pouco porque na minha comunidade você faz, faz, faz. Mas está sempre levando, entendeu, na cara, e isto é, você faz, faz, porque lá tem uma pessoa que faz sempre passeio e tento sempre englobar as meninas e os rapazinhos que tem na minha comunidade para eles irem a estes passeios, mas sabe enquanto você está fazendo as mães estão sorrindo, botando você lá no alto, e se você parar de fazer um pouco porque você está com problemas na tua vida, ou você até está querendo descansar um pouco e ficam de bico como se eu tivesse que ser a responsável... (Sô).

A questão da dificuldade de competir com as facilidades materiais que o tráfico de drogas oferece a crianças e jovens da comunidade é levantada pela líder da zona oeste, que não questiona o aumento da renda familiar e as benesses que o dinheiro das drogas traz para determinadas famílias, que às vezes não tem o que comer. Faz de forma crítica e consciente uma analogia entre o lixo e a vida entregue ao crime organizado.

(...) em todas as comunidades, o tráfico comanda e dá um dinheiro a mais e os jovens vão. Até menina porta radinho, porta arma, a gente vê porque eles passam, elas passam perto da gente, mas não sei como é o diálogo entre eles para poder entrar e ficar, eu não conheço isto, eu não sei como eles conseguem entrar tão fácil assim, sendo de menor, não conheço, eu sei o que eu vejo não só na minha comunidade como em muitas comunidades, jovens, e eu não digo nem jovens, crianças de 10 e 12 anos fazendo estas coisas. Às vezes, a mãe está dentro de casa não tem um arroz com

feijão, porque a família é grande e o mais esperto de 10 e 12 anos vai para a fora e fala um o.k lá quer dizer, só em falar o.k, tá limpo, já leva uma grana, quer dizer acostuma, o tráfico acostuma os adolescentes a isto e eles não se comovem que o colega ontem perdeu uma vida, eles não estão nem aí para a vida deles, eles acham que eu falo com quem, com um rapazinho que eu tenho mais intimidade com ele, se ele acho a vida dele no lixo, ele saiu, fiquei feliz não sei se foi a frase que machucou o coração dele mas ele saiu do tráfico (Sô).

Para a líder Sô, da zona oeste, a comunidade de antigamente era boa e tranqüila, mas hoje o medo gerado pela violência impera e os traficantes possuem um poder exercido através da violência sobre os demais moradores.

Antigamente a comunidade era boa, tinha o tráfico só que não era o que é hoje, assim, para todo mundo ver que eles têm o poder e que eles podem, hoje, antigamente era bom você andava na rua até tarde, você não tinha medo de andar na madrugada, hoje, você tem medo até de comprar um pão às 7 horas da manhã, quer dizer mudou não só a comunidade, mas o mundo mudou, muita violência hoje em dia (Sô).

Mesmo dentro das comunidades, percebe-se que aqueles que assumem um papel de liderança são vistos muitas vezes como pessoas que detém algum tipo de autoridade e que são cobradas pela população local como símbolos de superioridade, apesar destas mesmas pessoas se engajarem muito pouco em movimentos de melhorias locais. A comunidade de hoje parece não ter mais um sentido comum, encontra-se fragmentada visto que não é um local à parte da sociedade, mas uma fração que encerra e espelha as formas de relação da sociedade atual marcada pelo individualismo exacerbado e pelo poder paralelo do tráfico de drogas.

#### **4.6. Visão de Futuro**

Assim como marcam BOURDIEU e FOUCAULT (1989), o ímpeto primeiro da fala não é o de apenas se comunicar, mas de poder influir, e isto não desqualifica de modo algum a importância da comunicação, mas compreende-a e retrata-a como uma conquista sempre renovada. A linguagem de nada vale por si só, mas dentro de um contexto social que a institucionaliza

como uma forma histórica de se comunicar e de se descomunicar. A questão do futuro da sociedade como um projeto democrático em marcha deve tratar, sobretudo as questões do poder-saber e dos privilégios como ponto de partida e como bem marcaram as lideranças femininas.

A visão de futuro de S., liderança da zona norte, é forte e positiva, ela não esmorece diante da luta por uma realidade mais harmoniosa para toda a sociedade brasileira e sabe que só trabalho e o saber fazem uma nação prosperar.

Acho que o Brasil vai ser bem melhor, para mim ele é o melhor, pois eu não conheço nenhum outro país só escuto falar, não tive oportunidade de ir a outro país, mas nós devemos lutar muito pelo nosso país, lutar sem aquela briga, mas aquela luta do saber, da cultura, aprendendo, mão de obra qualificada, e são estes adolescentes que estão aí hoje, não tem que ensinar a ilusão, mas que eles não percam a esperança, mas ir ali firme para aprender, mas se estes adolescentes de hoje tiver uma boa formação e não souber ir em frente porque é o mundo deles, o mundo vai ser deles. Eu posso já estar sentada na platéia olhando eles desempenhar o papel, eu já desempenhei, mas é com luta e com trabalho com lazer, mas aquele lazer, não é que uma pessoa não vai ter o lazer, precisamos do lazer, mas lazer com realidade, e aí aonde vem as frustrações, pois ficam achando que o mundo é muito fácil, mas na hora H não é fácil como muitos pensam que hoje em dia você escuta muito vou trabalhar para ganhar um salário, ninguém quer, realmente é uma ilusão o salário mínimo, vivemos num país tão poderoso que tem tanto, como diz a música, tudo que se planta dá neste país, realmente, mas só as cabeças que estão bem mais no alto tem que pensar mas aqueles que tem que fazer o trabalho do mínimo, na minha teoria, se eu digo não vou pegar o mínimo, vou ficar parada sem ganhar nada é pior. É nesta situação que nós temos que pegar o mínimo, mas se unir, lutar para melhorar, melhoras com trabalho, com aprendizagem, com educação. É como uma rede, começa o fio aqui e vai tecendo e aí vai ficando grande. É difícil, mas não é impossível (S).

A líder tem noção de ser parte, uma pequena fração de um todo que em conjunto com os demais formam um inteiro. Para ela, um depende do outro e esta é uma premissa básica de boa formação e desenvolvimento de todos. Assim como uma casa, uma nação deve funcionar com a ajuda e cooperação dos envolvidos, para que haja um futuro melhor e mais digno de ser vivido pelas futuras gerações.

O sujeito pós-moderno não tem mais uma identidade essencial, mas várias identidades (trans) formadas continuamente em relação ao modo como é representado ou interpelado pelos sistemas culturais ao redor, podendo ser contraditórias ou não-resolvidas. Assim, na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, as mulheres também se vêem confrontadas por uma multiplicidade de identidades possíveis das quais poderiam se identificar

(...) é como se fosse uma fração, a gente está com aquele pedaço fracionado e tem que juntar para formar um inteiro, um depende do outro, se ficar só em casa com a família, não dá e o dever que te cobra, “cobra que não anda não engole sapo”, e se ficar só na Igreja também não dá e o trabalho é o necessário, é o básico da vida e tem que unir... (S).